

Direito Eleitoral na Era Digital

Palestra 04

Francisco Brito Cruz

Matheus T. de Laurentys

O palestrante Francisco Brito Cruz começa o diálogo com uma breve introdução. Diz ser informal, e, logo, demonstra isso pegando uma cadeira e sentando-se, e, mais importante, em sequência, diz que a palestra poderia chamar-se “Fake News”. Dizendo isso, ele traduz, de fato, que o assunto não será tão genérico quanto “direito eleitoral na era digital”, mas sim um segmento disso, as fake news.

Para iniciar a discussão acerca desse tema, ele pede que os presentes façam perguntas que achassem pertinentes, até para, se possível, abordá-las durante a palestra. Feito isso, ele segue com um comentário: o Brasil, brasileiros em geral, acredita que vai resolver esse problema no Congresso, com leis, mas isso é um engano. Ele segue, novamente, com uma pergunta para a plateia.

Ele pergunta quem acha que as fake news tiveram grande impacto ou impacto decisivo para o resultado das eleições. Ele fez isso para seguir com sua tese, que defenderá posteriormente. Ele diz até ser equivocado pensar que as fake news tiveram grande impacto nas eleições. Ele acredita ser meramente um fato que marcou o período, mas que não contribui para o resultado em si.

Para mostrar seu ponto ele inicia uma retrospectiva histórica brasileira. Com ela, ele pretende mostrar como se construíram as campanhas eleitorais que estamos acostumados. Segundo o palestrante, com início da ditadura as campanhas pretendiam afastar o eleitor, por ser monótona e tediosa. Mas, também da ditadura ele destaca que houve uma imensa “radiodifusão” que acabou por consagrar a televisão como meio eleitoral, por estar presente na casa da maioria das famílias.

Com esse fato, ele diz, se estabelecem duas coisas. A primeira é uma comunicação de poucos para muitos: a massificação da comunicação eleitoral (e também, de noticiários, entretenimento e afins). Essa forma de comunicação propicia a segunda coisa. A propaganda e a política em geral, passa a ter uma enorme presença dos chamados “marqueteiros”. E nesse modo seguiu por muito tempo, desde a ditadura, até por volta de 2014.

É em 2014 que se estabelece um segundo meio de comunicação, a internet, com redes sociais. Isso é importante para a discussão, pois é um grande contraponto a comunicação massificada da televisão, ele explica. Na internet existe a comunicação de muitos para muitos, e isso permite uma ampliação das comunicações eleitorais, que, no entanto, continuam massificadas. E com isso veio o famoso problema das Fake News. Para ele esse problema não será resolvido com mudanças nesse meio.

Ele não acredita que proibir ou bloquear mensagens falsas irão impactar as eleições. Deve-se, é claro, considerar como imoral essa divulgação, mas não como ilegal. Muitas vezes, ele diz, é muito difícil analisar o que caracteriza uma Fake News. O divulgador em si, pode acreditar nas informações. Ele, então, questiona: alguém poderá ser preso por ser ignorante a algum assunto? Ainda existem outros problemas nisso, por exemplo, deve-se contar quantos foram os votos oriundos de Fake News, pois não é correto rasgar milhares de votos se muitos não foram movidos pelas práticas, então ilícitas.

Ele conclui o argumento com uma possível intervenção. Ele supõe que devemos buscar a lógica da desinformação. Isso faz todo o sentido, visto o desenvolvimento da palestra, que, quando retirados do meio, ou dos usuários, a malícia de distribuir Fake News, tentemos evitá-la com educação. O sentimento deixado pela palestra é de certa dúvida.

Com certeza, não existe uma resposta definida para o problema, e a opinião de Francisco foi muito bem embasada, mas, de fato, faltou um diálogo com o outro lado da moeda, que as influências das fake news foram, sim, grandes. Quando mencionou exemplos de notícias falsas, Francisco citou o exemplo da mamadeira de piroca, o que foi muito infeliz. Ele buscava mostrar que

a mídia em si, assim como a plataforma, não tem um propósito igual a sua repercussão. Ninguém acredita que aquele “meme” é verdadeiro, e ele usa disso para mostrar que primeiro vem a descrença com a política de certo partido, e depois a crença de que ele é capaz de ‘x’ ou ‘y’. Porém, esse é um exemplo muito ruim. Existiram sites criados idênticos a sites de notícias com reportagens muito bem boladas que mostravam, mesmo para avaliadores atentos, uma “verdade” falsa. Isso não tem nada a ver com uma descrença inicial, como ele defende.